



Autodemarkação do território caxinauá, que ilustra um livro de leitura feito pelos índios

Novos caminhos da educação

Tese de Mestrado feita a partir de diários de classe de professores índios do Acre analisa a escola da floresta e mostra a tensão entre oralidade e escrita nas comunidades indígenas

Cláudia Neiva de Matos *

A pesar de certo descrédito que atualmente atinge a capacidade acadêmica de produzir conhecimento eficaz, a Universidade brasileira não tem deixado de contribuir para o equacionamento de muitos problemas do país. Como exemplo, poderíamos apontar uma recente dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulada "A construção de currículos indígenas nos diários de classe: estudo do caso Kaxinawá/Acre". Em contrapartida, não se pode negar o frôloço que esse trabalho mantém com os espaços acadêmicos tradicionais. A autora, Nietta Lindenberg do Monte, após concluir a graduação em Letras, afastou-se da Universidade. Instalada no Acre, participou da criação da ONG Comissão Pró-Índio/AC, que nos últimos 13 anos vem reunindo em Rio Branco, a cada verão, professores indígenas oriundos de diferentes aldeias e nações. Sob orientação de assessores-consultores de várias universidades, esses professores iniciam-se ou aperfeiçoam-se em Língua portuguesa, Língua indígena, Matemática, Geografia, Pedagogia indígena etc.

Essa inovadora experiência pedagógica teria motivado Nietta a optar pelo curso de Educação, domínio propício para cultivar um conhecimento de feição e direcionamento empíricos, situando o trabalho no "intermezzo entre a etnografia educacional e a pesquisa ação

participante". A discussão da educação indígena nasce e desdobra-se sobre o chão vivo e concreto do que já se fez e do que ainda se pretende fazer. Renuncia-se à escolha prévia de categorias analíticas para deixá-la surgir no próprio processo de reflexão.

Um dos aspectos mais inovadores da dissertação é o próprio *corpus* de análise: os diários de classe de três professores Kaxinawá do rio Jordão, a quem o texto é dedicado. O material a ser trabalhado não sofre a intermediação da coleta e registro por parte do pesquisador. Ele é fornecido diretamente por escrito, pronto e acabado, pelos próprios sujeitos da questão.

Os diários são minuciosamente explorados: observam-se conteúdos, estruturas sintáticas, modos de integração professor/aluno, processos avaliativos, perspectivas sobre escola e ensino enunciadas pelos autores ou manifestadas pelas práticas pedagógicas. A função dos diários de classe extrapola o simples planejamento, registro e controle das atividades escolares. Como exercícios de organização e abstração lógicas realizadas via linguagem escrita, os diários encaminham uma reflexão sobre o funcionamento das escolas e a prática sócio-pedagógica, constituindo-se como verdadeiros instrumentos de contínua formação docente. Revelam também a "tensão entre oralidade e escrita" que afeta uma sociedade de letramento recente. Nesse quadro a experiência intelectual da escrita estimula e instrumentaliza a elaboração de

um novo tipo de espírito crítico, funcionando como um "veículo de controle sobre a realidade".

Para o leitor situado na cultura do branco, esse contato com o olhar/palavra do Outro é reforçado pela reprodução de desenhos coloridos com que os professores ilustram seus diários. Esses elementos visuais integrados ao texto da dissertação propiciam algo a que a própria autora declara ter encontrado no contato com os cadernos Kaxinawá: "uma leitura experimentada com forte emoção estética".

A prática resulta em elaboração teórica capaz de, por sua vez, contribuir para a problematização e enriquecimento da própria prática. Não é à toa que o último capítulo se intitula "Conclusão com perspectivas". O trabalho intelectual reverte funcionalmente para o processo de construção dos currículos das escolas, além de iluminar territórios contíguos (educação não-indígena, processos linguísticos, política sócio-cultural etc.).

Um itinerário laborioso reuniu a Universidade e a escola da floresta. Num país multicetado e sofrido, em constante e precisão de soluções para seus graves problemas, essa "interação educativa" é uma realização feliz. E mostra como permanece atual e oportuna a exortação que, há mais de 50 anos, Mário de Andrade dirigia ao jovem poeta Drummond: "Devote-se ao Brasil, Carlos! Nós temos de ser professores!"

* Professora de Literatura na UFF e autora de *A Poesia Popular na República das Letras: Sílvio Romero folclorista*